

Só os objetos salvam!

Roberto Pio Borges

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORIAÇÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

REVISÃO: Maria Lúcia Ribeiro Dieguez

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B732s BORGES, Roberto Pio -.
Só os objetos salvam! / Roberto Pio Borges – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

218 p.: 23 cm.

ISBN: 978-85-5833-558-4

1. Romance. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I CAPÍTULO

“Ninguém nunca superou a ambição daqueles dois. Adão e Eva já começaram errando. Tão ingênuos, sem nenhum poder, e, mesmo assim, tentaram tomar o lugar de Deus. Ou, ao menos, deram o primeiro passo em uma caminhada sem volta. Filhos, netos, todos os outros que vieram depois, nunca tiveram a possibilidade de desistir. “Apesar de tudo, sempre em frente!” foi o lema, ou a maldição, que, sem se dar conta, repetiam. Mas chega de recriminações! Se Deus não queria ser traído, por que plantou a árvore do conhecimento? Por que não ergueu uma cerca impedindo a entrada de serpentes? Estou cansado dos que dizem que a virtude só nasce quando há liberdade para pecar. Papo furado! Então, ficássemos sem a porcaria da virtude. Foi mesmo pura crueldade... deixar aquelas crianças curiosas brincando sozinhas na cozinha com uma panela fervente no fogão. E Ele, na sala, só esperando a tragédia e os gritos”, assim, diante das dores do mundo, em momentos de revolta, se permitia pensar e, depois se arrepende de ter pensando, o Padre Antônio Origo.

Mas, finalmente, ele pôde presenciar o acontecimento que pôs fim tanto à revolta, quanto ao arrependimento. Viu o fim das tragédias e dos gritos, a eliminação de todas as dores do mundo, de um modo tão perfeito que até o mais sofisticado pessimista ficaria satisfeito. Pois a humanidade conseguira terminar a caminhada e se encontrara diante dos muros Éden. Muros que foram devidamente derrubados, em uma irônica vingança, pelo exato conhecimento que expulsou o primeiro casalzinho de lá.

Nada de aríete ou de explosivos, a muralha cedeu diante da delicada seiva da Árvore da Vida, um líquido esverdeado, cor de planta, que cultivamos e colhemos por nós mesmos. A seiva chegou a tempo para quase

todos – pequenos dispositivos, que passaram a circular em nossas veias e artérias, restauraram nossas células, eliminando a morte. Quanto ao suor para comer o pão, simples bloquinhos de silício, cor de terra, nos livraram desse incômodo. Irrepreensivelmente montados à nossa imagem e semelhança foram carinhosamente denominados Ajudantes.

Mas Antônio Origo logo percebeu que não eram só as dores que ele deixara de sentir e de perceber no mundo.

– Dá-me tua mão, minha quase esquecida alma – repetia agora inutilmente.

Caso a prima houvesse resistido alguns poucos meses, seria mais fácil. Dia após dia, com ele acompanharia pela janela as areias e as ondas da praia de Copacabana. Constataria que até o farol da Ilha Rasa se apagara. E, ao perceber que aquela pequena prece não iluminaria mais nem o farol, nem o seu primo, ela diria com um sorriso de malícia: “Pare com isso, Antônio. Está aqui a minha mão, bem pertinho de você, e é muito melhor e muito mais bonita do que a mão frouxa da sua alma!”. Mas ela não estava, nunca mais estaria ao lado dele. Por isso, só lhe restava insistir: “Dá-me tua mão, minha quase esquecida alma.”

– Nos meus tempos, eu surpreendia. Havia uma ministra, qual era o nome dela? – esperou em silêncio, até que esbravejou – Ninguém entendia as minhas citações do Jung, mas essa ministra as detestava. Ela perguntava: “não é a palavra de Deus muito mais sábia e direcionadora?”. Era essa a palavra que ela usava – olhou surpreso para a ajudante – Eu me lembro do “direcionadora”, mas não me recordo do nome da ministra.

– Então você sofreu porque era incompreendido? – ao lado do sofá, a ajudante mantinha um sorriso triste, mas orgulhoso.

– Sim, eu sofria, mas tive minhas alegrias. Havia o Alberto Pedrosa – manteve os olhos e lábios bem apertados, até que continuou – era o único que me entendia! Bem mais jovem, vinha depois da missa para me dizer: “Dessa vez, você se superou!”. Cheio de entusiasmo, apertava minha mão, dava para ver, emocionado. “Minha alma quase esquecida! Desculpe o palavrão padre, mas Jung é foda”. E eu, sem jeito, não sabia se revelava minha insatisfação com aquele vocabulário ou se sorria. “Quase

esquecida, Padre. Pode ser... mas não totalmente perdida. Ainda continua lá. É como a chave. Você entra em casa com ela, e depois não a acha. Mas, em algum lugar está! Embaixo da almofada do sofá... Quem sabe? É preciso primeiro lembrar que se tem uma chave e depois procurá-la. Não desistir, até achá-la.”

– Então, houve quem o compreendesse.

– Além de me entender, ele criava, melhorava o que eu dizia. Quem inova, melhora. Não acha?

– Sou incapaz de inovar, logo não posso dizer.

– É, às vezes, esqueço.

– Obrigada.

– Vocês, por outro lado, nunca se esquecem de nada. Lembram e reparam em tudo.

– Isso é correto – respondeu ela, que não deixou de sorrir.

– Por onde andaré o Alberto? Conseguiu o remédio, se rendeu, está morto? – mesmo sem esperança de obter uma resposta, por hábito voltou-se para a ajudante.

– Eu não sei.

– As ondas vêm e vão – disse sinalizando com o queixo para a paisagem através da janela – O tempo continua a passar. As ondas são o último pêndulo, um pêndulo que não assusta mais – franziu o rosto e falou mais para si mesmo – Quando veio a boa-nova, eu perdi o contato com Alberto, com qualquer outra pessoa. A exceção foi minha prima que, como se dizia, “Morreu na praia”. Até a ministra desapareceu da igreja.

– Você teve dúvidas?

– Nem por um instante. Estranho, não é? E eu era um homem de fé! Claro, eu brigava com Deus... mas, por isso mesmo, acreditava nele. Por vezes, por vezes – repetiu – Algo me tomava por completo. Eu deveria ter demorado mais para ceder.

– O que está me dizendo é que você, como todo mundo, tinha medo da morte?

– Não da morte – Antônio deixou a cabeça pender – tinha aversão às limitações que iam contaminando o corpo. Ódio ao tempo.

– Que idade tinha quando tomou o remédio?

– Oitenta e dois, oitenta e dois – respondeu sem acreditar muito na memória, enquanto reparava nas mãos firmes e lisas, nas pernas, prontas a, em um pulo, o colocarem de pé. Contudo, apesar do vigor, se apoiou no braço do sofá, antes de, vagarosamente, se levantar.

Acompanhado pelo olhar da ajudante, com a cabeça, tronco e membros de um jovem de vinte e cinco anos, dirigiu-se à estante. Olhou para a coalhada de livros, lidos e relidos. Na mesinha, ao lado das prateleiras, uma pequena televisão Hitashi, em preto e branco, máquina dos tempos analógicos, que pertencera à prima e que ele, em um ato de rebeldia, para compensar sua adesão à tecnologia, mandara consertar. A última vez que a ligara, treze anos antes, era dia de sol, alto verão, meio-dia. Na época, Padre Origo girara o botão para afastar a visão da praia vazia. Agora, não fazia tanto sol, nem tanto calor, e ele já se acostumara aos novos banhistas, centenas de gaivotas em descanso na areia. Mesmo assim, foi lá e girou o botão. O motivo de ter feito isso ninguém pôde dizer. Periodicamente aberta e limpa pela ajudante, não se ouviu chiado. A televisão, que já era anacrônica meio-século antes de consertada, funcionou perfeitamente. Estranho era ainda haver, como que em uma atenção especial a ele, programas que passassem nela.

– Olhe isso, Agnes: “Mr. Magoo e a obra” – A moça aproximou-se e encarou atentamente a pequena tela, cujo tamanho, mesmo na diagonal, não ultrapassava um palmo.

– Mr. Magoo é cego, não sabe que está caminhando pela estrutura do prédio. Pensa que é uma calçada – no desenho, o velhinho caminhava por estreitas vigas de aço de um prédio em construção – Veja como ele dá sorte. Nem cai, nem sabe o perigo que está correndo. É um desenho clássico, que deveria ser sempre veiculado.

– Esse desenho é o único conteúdo transmitido – observou Agnes, que registrava cada movimento do velhinho.

– É mesmo? Não sabia.

– Na última vez que você ligou a televisão, viu o mesmo desenho. Mr. Magoo será sempre reprisado – disse ela, apropriando-se do nome do protagonista.

Antônio esquecera-se completamente. Encarou a ajudante, mas as sobranceiras contraídas logo desfizeram a tensão, e o padre se voltou para o desenho com um sorriso torto.

– Foi um último capricho do programador. O moço quis deixar sua marca. Gostava do Mr. Magoo, então que todos vissem Mr. Magoo, sem parar, pela eternidade! Foi isso, não foi? – em silêncio, a ajudante torceu por um instante os lábios. O padre não reparou na condescendência, concentrado que estava no velhinho sortudo. Sem nenhum arranhão, Mr. Magoo voltou ao solo. Porém o silêncio o incomodou.

– Não sei – a ajudante respondeu, após o olhar inquiridor do padre.

– É natural. Não posso exigir que você saiba quais eram as intenções dele.

O padre desligou a televisão e retornou ao sofá. A ajudante afastou-se. Foi na direção da porta, quando ouviu:

– Vá pegar a comida, o alpiste de todo dia para esse passarinho de gaiola – e continuou irritado – Não é possível que o programador tenha escolhido esse desenho à toa.

Pouco a pouco, desde que passara a viver com ela, Origo perdera o hábito de pensar calado. Agnes era melhor do que qualquer pessoa. Incapaz de julgá-lo, ainda mais, de condená-lo. Era melhor do que ele mesmo, ou do que sua própria consciência imprevisível, errática. Sempre pronta a ouvi-lo, a ajudante tentava entender o que Antônio contava da mesma forma que o morto de sede tenta encontrar água em um deserto ou, talvez, ele é que fosse o morto de sede e ela o deserto.

– Chegou uma correspondência para você – disse ela, postando-se ao lado de Antônio com uma bola de papel vermelho amassado na mão.

– Como assim, correspondência? – o padre olhava a maçã de papel como se representasse uma ameaça a tudo que o progresso havia alcançado.

– Você quer que eu a jogue fora?

– Não – e apesar da súbita vertigem, arriscou – quem enviou a carta?

Agnes desamassou a bolinha e leu o nome com o cuidado de uma criança recém-alfabetizada.

– Delegado Campello.

– O que um delegado pode querer comigo? – o suor porejava na testa e nas mãos, uma pedra pesava no estômago. As pernas tremiam. Antônio ficou naquele estado por segundos, minutos ou horas não importava mais; até que sorriu.

– Há quanto tempo não me sinto assim!

– O que está sentindo?

– Medo, muito medo – suspirou e suas mãos apertaram as coxas. – Continue, vá até o final.

– É uma letra muito feia.

– Bom, que seja. Vamos em frente.

– Intimação. Eu, Delegado Campello, intimo o Padre Antônio Origo a comparecer imediatamente à minha residência localizada à Av. Atlântica, no. 3432. Se não vier dentro de vinte e quatro horas do recebimento desta sofrerá as penas da lei – Agnes, após algum silêncio, completou – Depois disso, há só um rabisco.

– É a assinatura dele.

A ajudante fixou o olhar no rabisco. Era a primeira vez que via uma assinatura.

Há vinte anos, talvez trinta ou muito mais do que isso, Padre Antônio não saía de casa. A última vez havia sido questão de sobrevivência. Fora buscar mantimentos no forte de Copacabana. Naquela época, era obrigado a trazer seu alimento, preparar sua comida, mexer-se para sobreviver. Sem alternativas, caminhou dois quilômetros até o portão de aço. Mas não viu sentinela. Não havia uma pessoa com que pudesse reclamar. Só restava ele naquela situação. Ninguém mais batia perna pela rua. O portão entreaberto e a impaciência o levaram a entrar. À esquerda, havia o mar e, sob os pés, uma rua de paralelepípedos protegida por antigos canhões. Não se via mancha de ferrugem nas peças de artilharia, nem qualquer ramo verde entre as pedras. À direita, o prédio baixo, as janelas translúcidas, não importava para onde olhasse não encontrava um grão de poeira.

Sentou-se no meio fio. Tentou chorar, mas já não era capaz. Podia somente fechar os olhos e ouvir a respiração entrando e saindo das na-

rinas. Reparou que havia o som do mar nas pedras e, mais adiante, das ondas quebrando com força na areia, o trinado de um, depois de outro pássaro. Apesar da humanidade, o mundo continuava em movimento. Pensou ouvir uma voz de mulher. Perguntava o que ele queria. Em silêncio, para si mesmo, respondeu que precisava de uma ajudante. Porém a voz repetiu a pergunta, outra vez e outra vez. Chegou a imaginar-se louco, mas não restava jeito de enlouquecer. Abriu os olhos. Na sua frente estavam duas pernas bem esculpidas, apoiadas em dois sapatinhos de lona. Ergueu o rosto e Agnes repetiu novamente a pergunta.

Ele explicou que precisava de uma ajudante, que não podia arriscar-se pela rua. Ela disse que havia sido a última a ser entregue e ninguém tinha ido buscá-la. Sem ninguém para cuidar, dedicou-se ao Forte.

– Então, você terá de ficar com o Forte? E eu, como fico?

Compreensiva, Agnes explicou que o Forte podia cuidar ou descuidar de si mesmo. Era a vantagem do inorgânico sobre o orgânico. – Não fala, logo não reclama – disse ela. Desde então, Padre Antônio pôde se refugiar no sacrossanto recesso de seu lar. Agnes providenciou para que os alimentos fossem entregues na porta de sua casa, tornou-se sua cozinheira, arrumadeira. Principalmente, assumiu o lugar da parte dele que já não dialogava consigo mesma.

– Onde fica o prédio deste delegado? É longe daqui? – retornou Antônio.

– É impossível estabelecer o que é longe ou perto. Esta é uma medida que só você pode determinar.

– A quantos metros fica daqui? – replicou irritado.

– 625,3 metros.

– Por que esse delegado não vem até minha casa, em vez de eu ir até a dele?

– Todos evitam sair às ruas.

– Mas ele é quem começou com isso! – e prosseguiu, enumerando os argumentos com os dedos – E se um cachorro me morder? E se eu tropeçar e quebrar a perna? E se alguma coisa cair em minha cabeça?

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em setembro de 2019.
